

# ‘NEM DO BEM, NEM DO MAL’: INFÂNCIA, MORAL E SOCIALIZAÇÃO

## ‘NEITHER THE GOOD OR THE EVIL’: CHILDHOOD, MORAL AND SOCIALIZATION

Anaclan Pereira Lopes da Silva

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Psicóloga na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

**E-mail:** [anaclansilva@yahoo.com.br](mailto:anaclansilva@yahoo.com.br)

### Resumo

Este é um estudo sobre o processo de inculcação de valores morais na infância, a partir de pesquisa realizada em uma escola de Belém, entre alunos de Jardim II a 4ª série, considerando as repercussões identificadas na interação das crianças entre si e com os outros componentes da equipe escolar. Pensado sob o ponto de vista da articulação entre os campos da Antropologia e da Psicologia, este tema ganha formas e cores no cotidiano de uma escola construtivista que possui extrema preocupação e declarado compromisso com a temática investigada. Mais ainda, a questão de gênero se presentifica através das observações no contexto escolar e das interlocuções com professoras e dirigentes, a ambivalência com que tratam a problemática da formação moral dos alunos e alunas, ora revelando certa hierarquização nos atributos de valores entre eles, ora demarcando uma igualdade desses atributos para meninos e meninas.

**Palavras-chave:** Infância; Educação; Moral; Valores; Gênero.

## Abstract

This is a study about the process of inculcation of moral values in childhood made in a school in Belém of Pará, between students from Jardim II to 4<sup>th</sup> serie (elementary school), considering the repercussions identified over the interation between the children by them and with the other members of the scholar group (like teachers and directors). Thought in the point of view of the articulation between the fields of Anthropology and Psychology, this work obtains forms and colors in the quotidian of one construtivist school that is extremely worried about the moral values and has declared engagement with this thematic. Even more, the subject 'gender' is present when we notice through our observations in this schoolar context e through our interlocutions with the teachers and directors, the ambivalence in their discourses when they deal with the subject 'moral constitution of the students', sometimes demonstrating a hierarchization in their atributes between male and female students, sometimes emphasizing an ighuality from these atributes for boys and girls.

**Keywords:** Childhood; Education; Moral; Values; Genre.

## O contexto do interesse pela temática da formação moral e a escolha do campo de pesquisa

O interesse pela temática da moral surgiu de minha atuação como psicóloga escolar, já que após anos envolvida com a problemática dos "limites" - ou melhor, com a falta de limites que as crianças

cada vez mais apresentariam - em meu papel de psicóloga no contexto escolar, este tema surgia de forma recorrente em meu cotidiano de trabalho. Assim, decidi aprofundar o estudo sobre este problema em minha dissertação de mestrado na área da Antropologia da Educação.

No decorrer dessa atuação, muitos desafios, surpresas e crescimento foram propiciados por minha prática profissional e indagações a respeito de uma questão em especial que recorrentemente era colocada em minha sala de atendimento tanto por alunos, pais ou professores, assim como fora deste âmbito, pelos corredores da escola, em suas festas, palestras, encontros, enfim, em qualquer situação a problemática surgia, demandando de mim - enquanto psicóloga - uma resposta, ao mesmo tempo, explicativa e 'preventiva'. Tratava-se da preocupação dos adultos em torno da chamada "falta de limites" das crianças que piorava a cada dia e a tendência (que todos eram uníssonos em apontar) era ficar fora de controle.

A discussão sobre essa "falta de limites" geralmente vinha atrelada a uma ideia nostálgica que remetia a um passado glorioso em que todas as crianças obedeciam aos pais - bastava que eles olhassem para elas e pronto, elas se recolhiam e obedeciam-nos imediatamente. Essas opiniões se somavam e um corolário de queixas em relação aos filhos ou alunos (no caso dos professores/as) girando em torno dessa 'falha' terrível que estaria ameaçando as relações entre as crianças e os adultos. Pior ainda: o prognóstico seria o mais devastador possível - essas crianças poderiam se tornar tão incontroláveis a ponto de ninguém poder direcioná-las, podendo cair na 'marginalidade' (drogas, gangues, pequenos furtos, dentre outros). Por outro lado, existia um número significativo de pais (especialmente) e alguns professores que até se preocupavam com a questão dos limites das crianças quando algum fato ocorria que extrapolava,

segundo eles, o 'normal', o 'aceitável' (sendo essas definições muito vagas). Mas, no geral, achavam que essa indisciplina (a falta de limites) era algo 'normal', que fazia parte do desenvolvimento infantil e que ia passando com o tempo. As intervenções para que tais manifestações fossem controladas não eram vistas como necessárias, já que seria 'natural' que as crianças agissem assim e esta situação se abrandaria com o passar dos anos e seu crescimento.

Por que tantos casos de crianças encaminhadas para o psicólogo no âmbito das escolas? Estariam as professoras (na sua maioria mulheres), também perdendo seu referencial de autoridade diante de seus alunos/crianças? Mais precisamente, diante dos meninos, já que a grande parte dos alunos encaminhados eram meninos. Em todo esse percurso em anos de atendimento de famílias com problemas tão semelhantes, com nuances, matizes diferenciados, mas em grande parte relacionados à regra, a falta dela mais propriamente, meu interesse foi se voltando a aprofundar esta questão.

A escola, poderosa instituição, que apresenta e baliza, junto com a família, as normas sociais, destaca-se como foco de minha investigação. Após anos 'fazendo parte' desse universo e percebendo a sua influência no aprendizado de valores nas crianças, não poderia abandonar este viés particular que a perspectiva das relações escolares entre adultos e crianças possibilita.

A escolha de investigar a crise moral e como a criança vai constituindo seus valores, as noções de certo e errado e bem e mal no contexto escolar parece muito clara para mim, no sentido em que me sentia parte integrante desse processo de formação justamente dentro da instituição escolar. Refletir sobre a inculcação de valores morais neste contexto parecia um pouco desvendar os limites de nossa e minha própria atuação.

A opção pela instituição escolar na qual realizei minha investigação se deu por algumas razões que tento deixar claras ao

longo do trabalho. Primeiro, por ser uma escola que apresentava uma preocupação declarada e um compromisso com a questão dos valores. Segundo, porque sua proposta pedagógica é considerada a mais avançada no mundo atualmente, baseada no construtivismo, teoria alicerçada nas ideias do psicólogo suíço Jean Piaget<sup>1</sup>. Se a escola se propunha a trabalhar com esses conteúdos chamados de atitudinais<sup>1</sup> de forma destacada, ao acompanhar essa proposta, tentaria identificar que efeitos ela poderia ocasionar nas crianças, seu alvo de intervenção e quais consequências poderiam também ocasionar em sua formação moral. Mais ainda, esta instituição apresenta a inclusão de crianças deficientes em seu convívio no ensino regular. Existem as crianças ditas 'especiais' em todas as classes da escola, com problemas os mais variados, desde paralisia cerebral, síndromes, até distúrbios globais de desenvolvimento como psicose e autismo.

A escola será rebatizada de "Amor Perfeito", nome pensado como uma metáfora para traduzir como as relações pretendem ser nesse espaço de idealismo e compromisso com o outro. As diretoras e professoras também ganharam novos nomes, todos de flores, sendo que tentei relacionar um pouco o que percebi do perfil de cada uma com seus nomes fictícios, para assim, conduzir minha escolha. Assim, a diretora que é psicóloga ganhou o nome de "Rosa" (por causa dos espinhos...), a outra diretora, que é pedagoga, recebeu o nome de "Hortênsia" pela harmonia e tranquilidade que transmite, assim por diante. Cito ainda as professoras Magnólia (da Educação Infantil), Açucena e Margarida (do Ensino Fundamental), como os personagens principais desse "jardim" de infância. É preciso mencionar que só falo

<sup>1</sup> De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), há três tipos de conteúdo que precisam ser trabalhados nos currículos escolares: os conteúdos conceituais, os conteúdos procedimentais e os conteúdos atitudinais.

de flores (mulheres) porque só existem professoras na “Amor Perfeito” e a presença masculina resume-se ao porteiro e a um professor substituto de Educação Física (a professora está de licença-maternidade), o que, aliás, não é nenhuma ‘novidade’ nas escolas de Educação Infantil, em especial.

A instituição só funciona no turno da manhã e conta com sete salas de aula, sendo três de Educação Infantil e quatro de ensino fundamental. No total a escola possui 91 alunos. Todas as turmas da instituição possuem alunos especiais, pelo menos um em cada turma e no máximo três por turma, dependendo do tipo de dificuldade.

Como já destacamos, a imensa maioria dos professores de Educação Infantil e de Ensino Fundamental são mulheres, e cabe a elas, junto com a família, iniciar o processo de inculcação de valores morais no âmbito escolar. Privilegio, neste estudo, a perspectiva das professoras na formação moral por parte dos alunos, devido papel fundamental que elas representam neste âmbito, como adultos, modelos de referência.

A perspectiva antropológica amplia o espectro de análise quando aprofunda a discussão sobre o universo cultural circundante e formador dos valores nos indivíduos; além disso, a questão de gênero - fundamental para a construção desse percurso - há tempos está fincada no discurso antropológico.

As crianças, rumo à constituição de seus valores morais, e as pessoas em geral, são ‘nem do bem, nem do mal’, no sentido que suas ações e julgamentos transitam pelos dois “universos” que se articulam, afirmando que não há uma separação radical entre as chamadas duas esferas (do bem e do mal), embora, comumente, separemos as ações e estigmatizemos situações ou pessoas como ‘boas’ ou ‘más’ de maneira essencializada, como se pudessem ser só boas ou só más. Dado que, socialmente, essas esferas são tidas como existentes de forma dicotômica,

tenho que considerar em meu estudo que, sociologicamente, elas existem - em sua ideia particular, sua separação mais radical e suas intersecções, enfim, sua atualização nas pessoas (particularmente) que, a partir daí, serão boas/más ou boas para mim, más para outras, ou boas com uns, más com outros. As novelas televisivas e os contos de fada exploram à exaustão (para públicos diferentes) personagens “bons” e “maus” incondicionalmente, assim como a ideia que se nasce “bom” ou “mau” (numa referência à índole com que cada um nasceria)<sup>ii</sup>.

Professor e aluno quando estabelecidos em seus papéis, criam laços, formam vínculos que possibilitam a aprendizagem. O professor constitui-se figura de referência para o aluno em vários níveis. O que pretendemos focar no estudo proposto é o nível moral, ou seja, em que medida o professor na relação com seus alunos apresenta, discute e baliza com eles referências morais, valores e atributos de “bem” e “mal”, “certo” ou “errado”. Mais ainda, investigar de que maneira o fato de grande parte do contingente de professores que trabalha com crianças do nível investigado, ser do gênero feminino, pode interferir no processo de constituição de valores morais em meninos e meninas (os diferentes gêneros).

Por estar tratando de uma problemática imbricada com as diferenciações que se estabelecem entre a formação de valores em meninos e meninas, o conceito de **gênero** torna-se uma categoria fundamental para ser utilizada em meu trabalho. Segundo Joan Scott<sup>4:86</sup>, “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”. Remete-se ao aprendizado cultural diferenciado entre os sexos masculino e feminino, entre

<sup>ii</sup> Não precisaria lembrar que, na esteira da construção e, ao mesmo tempo, da atualização dessa ideia, foram formuladas, por sua vez, as conhecidas teses criminais de figuras como Cesare Lombroso<sup>2</sup> e, entre nós, de Nina Rodrigues.<sup>3</sup>

homens e mulheres, que os torna distintos e pertencentes, neste sentido, a gêneros diferentes.

Ao tentar aprofundar essas dimensões que compõem a questão a ser investigada, procurarei buscar caminhos nesse labirinto de confluências de fatores que poderão mostrar as nuances da formação moral das crianças escolarizadas<sup>iii</sup> pesquisadas, suas formas de pertencimento aos gêneros e a influência dos adultos (professoras) e demais membros da equipe escolar nessa composição.

### A constituição de valores pelas crianças na escola que “ensina a ser”

A Escola “Amor Perfeito” finca sua proposta pedagógica na perspectiva da formação pessoal de seus alunos, como pessoas que merecem respeito, amor e solidariedade e que devem dar isso aos outros, quaisquer que sejam.

Os conteúdos atitudinais não só são levados em conta como preceitos a serem seguidos dentro dos Parâmetros, mas são o **eixo** do trabalho desenvolvido junto às crianças. A escola enfoca o comportamento, as atitudes positivas diante da sociedade, a postura crítica e, ao mesmo tempo, solidária das pessoas que buscam uma relação pautada no respeito e no compromisso consigo e com o outro, segundo sua proposta. A “Amor Perfeito” é uma escola que pretende **“ensinar a ser”**, o que é enfática e recorrentemente posto em pauta por suas dirigentes e professoras, especialmente.

Essas atitudes solidárias são

<sup>iii</sup> O termo ‘escolarizada’ e ‘escolarização’ que utilizo chama atenção para o fato que estou me referindo a crianças que frequentam a escola e vivenciam o processo educacional que as instituições escolares veiculam.

verificadas tanto no dia a dia, por exemplo, das crianças, preocupadas com o bem-estar das crianças ‘especiais’, parando suas brincadeiras para colocá-las em uma posição mais confortável (no caso dos alunos de cadeiras de rodas) ou tentando inclui-las em suas brincadeiras, respeitando suas limitações (físicas ou de compreensão). Esse olhar e discurso aguçados a respeito das relações sociais é cultivado e parece ser motivo de orgulho na escola. “Aprender a ser” é a maior conquista que um aluno pode obter. O processo de “aprender a ser” constitui-se de um vasto aprendizado e construção de sentimentos e valores, tais como: solidariedade, respeito, justiça, cuidado, afeto, cordialidade e equidade.

O conceito de valor, como Hessen<sup>5</sup> nos aponta é de difícil definição, pois cabem várias perspectivas para se pensar em valor, tais como: o valor como vivência, como qualidade ou como ideia<sup>iv</sup>, segundo o autor mencionado nos esclarece. No entanto, para os objetivos de minha discussão, utilizarei a concepção de valor como uma ideia, um preceito que você defende, de acordo com o ponto de vista de Yves de La Taille (2003)<sup>v</sup>. Assim, todo ato moral pressupõe escolhas possíveis dentre diversos atos, baseada em preferências, como nos esclarece Vásquez<sup>6</sup>. Essa escolha é conduzida, segundo este último autor, pelo o que nos é mais ou menos valoroso em termos morais.

<sup>iv</sup> “Se quisermos significar com esta palavra, exclusivamente, a vivência, permaneceremos no domínio da consciência, da Psicologia e do psicologismo. Se entendermos por ela unicamente uma qualidade, um particular modo de ser das coisas, permaneceremos no domínio do Naturalismo, em que o valor é apenas uma qualidade real de certos objectos. Se finalmente entendermos por valor apenas a sua ideia, não tardaremos em ‘coisificar’, em hipostasiar, os valores, como já aconteceu com Platão.”<sup>5:43</sup>

<sup>v</sup> Yves de La Taille é psicólogo, especialista no debate da moral na obra piagetiana e proferiu uma conferência em setembro de 2003 em Belém - Pará na VII Semana Acadêmica de Pedagogia promovida pela Universidade da Amazônia (UNAMA) com o tema “Escola e Valores: ação dos professores”.

A “Amor Perfeito” dedica-se à discussão e procura influenciar diretamente seus alunos e alunas nessas escolhas morais mais próximas àquilo que é tido e valorizado como ‘correto’ socialmente, como já foi visto anteriormente. Os pilares valorativos como as concepções de justiça, respeito, solidariedade são cotidianamente reiteradas em intervenções entre as crianças, entre professoras e crianças e entre componentes da escola e crianças, de forma mais geral.

É claro que esse processo socializador não é linear, ao contrário, é permeado por conflitos, idas e vindas, que a própria vida social fomenta. Diferenças nos pontos de vista entre os alunos devido à formação familiar distinta costumam render grandes e profundos debates que nem sempre acabam em consenso. Muito pelo contrário, às vezes esses acabam levando as crianças a irem às vias de fato, quando as desavenças não encontram um ponto de equilíbrio. Tais episódios são comuns nas disputas esportivas e nas brincadeiras entre eles. A hora do recreio é um momento privilegiado para que tais situações eclodam. Nem tudo são flores na “Amor Perfeito”, como em qualquer instituição escolar, a diferença é que lá essas situações são discutidas e tratadas em primeiro plano.

A respeito do papel do professor nesta constituição de valores e das dificuldades que esta formação no cotidiano da escola impõe, vejamos trechos da opinião de uma professora da escola, que ilustra o ponto de vista da instituição:

Essas questões de valores... eu procuro estar refletindo muito o que é certo, o que é errado, até por conta de que, alguma coisa pode ser certa pra mim, mas pode não ser pra você. É muito a questão da diferença, desse respeito às diferenças. Então, eu reflito muito no respeito às diferenças. Eu acho que o professor, ele deve, ele precisa estar sempre atento pra isso, estar revendo o que ele acha,

o que é certo pra ele, o que não é, pra poder estar dando conta de estar lidando com essas questões aí fora. (Margarida – Professora)

### A “Amor Perfeito” ensina a ser e assim, todos se tornam “bons”? OU à guisa de conclusão

Na busca por saberes esclarecedores acerca de meu dilema inicial a respeito da crise instalada em meu cotidiano de trabalho como psicóloga pela ‘falta de limites’ das crianças, percorri, na verdade, o caminho de volta à escola, porém com matizes e objetivos diferentes.

Por se tratar de um contexto escolar muito diferenciado, parecia que estava assistindo a formação moral ocorrer a minha frente no dia a dia pautado por incessantes intervenções para ‘ensinar a criança a ser’. Era como se pudesse “fotografar” esse processo de constituição de valores nas crianças, ao vivo e visualizar de uma forma ou de outra, seus efeitos através de atos e falas delas. Às vezes, sentia-me em uma espécie de filme, com cenas ideais, ‘perfeitas’ demais para serem verdade. Saía da escola e pensava: “a vida aqui fora continua... saí do país das maravilhas...”.

Para as crianças, os efeitos dessa ‘educação moral’ pautada no respeito, consideração, afeto e solidariedade parecem ser muito palpáveis com seu engajamento em campanhas contra a fome, pelas crianças abandonadas, pela defesa do planeta ou por relações mais igualitárias. O ‘aprender a ser’ não é contemplativo, mas também envolve a ação, conjugando reflexão e atitude.

A inclusão das crianças ‘especiais’ deu certa eloquência a essa postura que concretizou a ideia de um mundo com relações mais justas, no qual os ‘diferentes’ possam estar sendo vistos em suas limitações



e potencialidades, não restringindo seu espaço de convivência por discriminações e desconhecimentos de suas possibilidades.

As professoras neste processo de 'ensino' tem papel preponderante, no sentido em que são diretamente responsáveis em suas ações e palavras cotidianas pela condução dessa proposta educativa no âmbito moral. Cientes disso, elas não só se informam a respeito das condutas adequadas para levar adiante todo o processo, mas também se formam para levar a cabo sua desafiadora missão.

Este sonho, partilhado entre elas, alimenta essa proposta de 'ensinar a ser' que busca suplantar as barreiras do preconceito e incompreensão que o social impõe. Ou nas palavras de Hortênsia, fundadora da escola:

As crianças têm uma coisa mais humana, mais ética, até nos que já saíram da escola, eles têm uma visão mais solidária (...) é uma semente plantada, eles ficam com isso de forma bem internalizada, de conseguir ter essa percepção do outro, do que é valor, do que não

é legal, do que é ético (...) é uma porta que a gente abre e que eles são capazes de transitar por ela pela vida...

De acordo com seu olhar, esse aroma de 'amor-perfeito' fica irremediavelmente impregnado nas crianças que por lá 'aprenderam a ser'. Acredito que sim, tanto no que guarda de positivo e de negativo. A formação moral fica marcada de maneira indelével em suas vidas, porém seus alunos não serão "nem do bem, nem do mal" de forma essencializada, mas oscilarão entre essas posições, como todos nós.

Ao me debruçar nesse processo de constituição de valores pelas crianças, fui desvendando o percurso, as nuances dessa formação incessante e fundamental para que busquemos, entre conflitos, cuidados e afetos, elementos que sustentem as relações entre nós, pessoas, às vezes 'perdidas' nesses 'jardins', em busca de amores 'quase-perfeitos'...

## Referências

1. Piaget J. O Juízo Moral na Criança. São Paulo: Summus; 1994.
2. Lombroso C. O Homem Delinquente. Rio de Janeiro: Ícone; 2013.
3. Nina Rodrigues R. Os Africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; 2010.
4. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: Educação & Realidade, 20 (21); jul/dez 1995.
5. Hessen J. Filosofia dos Valores. Portugal: Almedina; 2001.
6. Vásquez AS. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1995.